

## O USO DE ÁLCOOL E DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

Ana Carolina Rocha Petrone<sup>1</sup>, Carolina Pereira de Moraes Carvalho<sup>2</sup>, Cleiton Gomes Figueiredo<sup>3</sup>, Emanuelle de Freitas Motta Oliveira<sup>4</sup>, Karina Coelho de Souza<sup>5</sup>, Luana Torres Teixeira<sup>6</sup>, Luiza da Fonseca Abud<sup>7</sup> e Yasmin Vasconcellos Pimentel do Vabo<sup>8</sup>

### RESUMO

A puberdade é uma fase em que os jovens e adolescentes estão se preparando para a fase adulta, e por isto se coloca no lugar de testar diferentes papéis. Nesta fase existem diversos questionamentos que permeiam esse grupo, como por exemplo sua identidade, seus valores éticos e morais, sexualidade e, até mesmo, seus sonhos. É neste período também que esses jovens e adolescente sentem a necessidade do afastamento de seu ciclo familiar, almejando autonomia, e para isso sentem que precisam estar mais próximos de pessoas da sua faixa etária, e assim os vínculos de amizade se tornam mais fortes, uma vez que todos compartilham descobertas e medos em comum. E com isso, surgem os desejos por novas sensações, e a vontade de testar seus limites. Todas as características listadas, fazem com que o período da adolescência torne-se um momento em que o jovem está mais vulnerável ao uso de álcool e drogas, já que muitos veem o uso dessas substâncias como uma forma de escape para todos os problemas e questões que precisam lidar naquele momento. Vale ressaltar que alguns dos motivos destacados por muitos jovens em relação ao uso das drogas tão cedo, estão associados à escassez de diálogo franco em casa e na escola, busca por novos prazeres, influência de família e/ou amigos, pressão social, conflitos pessoais e/ou familiares e, em grau diminuído, a falta de informação.

Palavras Chave: Adolescentes, Álcool, Drogas.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

<sup>4</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

<sup>5</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

<sup>6</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

<sup>7</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

<sup>8</sup> Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. Niterói, RJ, Brasil.

## **ABSTRACT**

Puberty is a phase in which young people and adolescents are preparing themselves for adulthood, and for this reason they are testing themselves in different roles. In this phase there are several questionings that permeate this group, such as their identity, their ethical and moral values, sexuality, and even their dreams. It is also in this period that these young people and teenagers feel the need to get away from their family circle, aiming for autonomy, and for this they feel they need to be closer to people of their age group, and so the bonds of friendship become stronger, once they all share common discoveries and fears. And with this comes the desire for new sensations, and the will to test their limits. All the characteristics listed above make the adolescence period a time when the youngster is more vulnerable to the use of alcohol and drugs, since many see the use of these substances as a way to escape from all the problems and issues they need to deal with at that time. It is worth mentioning that some of the reasons highlighted by many young people in relation to the use of drugs so early are associated with the lack of frank dialogue at home and at school, the search for new pleasures, the influence of family and/or friends, social pressure, personal and/or family conflicts, and, to a lesser extent, the lack of information.

Key Words: Adolescents, Alcohol, Drugs.

## **INTRODUÇÃO**

A adolescência é a fase da vida onde construímos nossa personalidade com base no meio em que vivemos e das pessoas que convivemos. Todas essas variantes contribuem mas não tem o mesmo peso da força de vontade, o que nessa fase da vida é raro, pois exige disciplina. Neste período de transição é normal que os jovens tenham grandes grupos de amizades, onde todos se vestem da mesma forma, escutam a mesma música, vêem os mesmos filmes e falam da mesma maneira. A necessidade de aprovação da criança para com a sociedade cresce e então muitos fingem ser como aquele determinado grupo, fazendo coisas que não queriam só para se encaixar.

Pesquisadores como Piaget (1964/2007), defendem que adolescentes devem ter um programa de vida, para poder alcançar uma vida satisfatória e se desenvolver podendo vir a ser um adulto correto de acordo com as regras da sociedade. Esse modelo já vem sendo

discutido e hoje em dia já existem outras vertentes deste pensamento. O maior problema atual em pensar em desenvolvimento infantil são as realidades paralelas que existem no Brasil. O país tem uma desigualdade social muito grande, o que impossibilita que falemos de todos como se partissem do mesmo ponto.

As transformações físicas e psíquicas que acontecem nesta fase podem ser difíceis de lidar para quem não tem uma rede de apoio em casa, o apoio acaba vindo de outras maneiras, que não são as esperadas. Como é normal que os grupos de adolescentes estejam rodeados de amigos que desfrutam dos mesmos interesses, muitas vezes os problemas são parecidos também, e se a orientação de adultos responsáveis partem para o que os liberam daqueles sentimentos ruins automaticamente. Porém muitas das vezes drogas e álcool são oferecidos como coisas legais e que colocam aquela pessoa que se sente mais excluída dentro do grupo, desde modo o risco a uma possível dependência química é criado.

Por estarem em um momento na vida em que estão construindo seu lugar no mundo em termos biológicos, sociais, pessoais e emocionais e não terem uma percepção clara dos malefícios do consumo de drogas e álcool na adolescência, esses jovens evoluem mais rápido para a dependência de tais substâncias. A falta de “freios” sociais (motivos para diminuir o consumo) também contribui para esse fato.

Existem vários fatores que estimulam a busca, a continuidade e o abuso do uso de álcool e drogas na adolescência, entre eles podemos listar: as propagandas que vendem a imagem de que o uso de álcool é algo extremamente prazeroso e objeto de lazer (sem contar que as advertências sobre os riscos do consumo exagerado, por menores de idade, ou antes de dirigir, são rápidas e não chamam a devida atenção); a venda de bebidas alcoólicas e drogas lícitas para menores de idade (mesmo que isso seja contra a lei); problemas no ambiente familiar (separação dos pais, relacionamento abusivo, violência doméstica, brigas constantes e traumas); o uso dessas substâncias pelos pais e/ou irmão mais velho; permissividade dos pais; e amigos e/ou pares que fazem uso de álcool e drogas. Estudos mostram que pessoas socioeconomicamente vulneráveis estão mais expostas ao uso precoce de substâncias alcoólicas e dependência.

As consequências do uso e abuso dessas substâncias por adolescentes são muitas, principalmente porque eles não conhecem seus limites, não medem os perigos que correm e estão na idade onde se tem mais inclinação para quebrar regras e acreditar que são invencíveis. Um reflexo disso é que os acidentes automobilísticos são a principal causa de morte entre 16 e 20 anos (onde em grande maioria dos casos o condutor e acompanhante estão alcoolizados). Outro dado preocupante é o aumento do risco de violência sexual por

parte do abuso de álcool, bem como a maior exposição a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez indesejável. O desempenho escolar também é bastante prejudicado, visto que, com o uso de álcool e drogas na adolescência a memória é afetada negativamente, sendo a memória primordial para o processo de aprendizagem. O desenvolvimento de dependência química também é um problema sério desencadeado pelo uso precoce e exagerado dessas substâncias.

## **DADOS NACIONAIS**

É extremamente importante para o desenvolvimento de políticas públicas preventivas, ter conhecimento do comportamento de saúde relacionado ao consumo de substâncias psicoativas entre crianças, adolescentes e jovens do Brasil. Com base nisso a Fiocruz coloca o III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira (III LNUD), construído em conjunto com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), no foco principal da missão institucional, qual seja: *“Produzir, disseminar e compartilhar conhecimentos e tecnologias voltados para o fortalecimento e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que possam contribuir para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, para a redução das desigualdades sociais e para a dinâmica nacional de inovação, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais.”*

O III LNUD, e mais recente, realizado em 2018, aponta que, apesar de todas as condutas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aproximadamente 7 milhões (34,3%) dos indivíduos menores de 18 anos reportaram ter consumido álcool na vida, e 22,2% consumiram nos 12 meses antecedentes à pesquisa. O consumo nos últimos 30 dias, antes da pesquisa, foi reportado por 8,8% dos adolescentes de 12 a 17 anos, e 5,0% (um milhão de adolescentes) reportou o consumo em excesso.

Além disso, a pesquisa ainda ressalta que entre os quase 101 milhões de indivíduos que utilizam bebidas alcoólicas ao menos uma vez na vida, a idade mediana de início de consumo foi menor entre homens (15,7 anos) do que entre as mulheres (17,1 anos), mostrando que indivíduos do sexo masculino tendem a iniciar o consumo de álcool mais cedo, quando comparado as mulheres. Entretanto, quando considerado o primeiro consumo por faixa etária, entre aproximadamente 7 milhões de indivíduos com idade entre os 12 e 17 anos (menores de 18 anos), a mediana da idade do primeiro consumo foi de 13,5 anos, dessa vez, não havendo diferença significativa entre a mediana de primeiro consumo, quando

aplicado o recorte de gênero, uma vez que enquanto para homens a mediana apontou 13,4 anos, entre as mulheres essa mediana foi de 13,7 anos, apresentando apenas 0,3 de variação na diferença de idade.

Assim como no Brasil há legislação específica que proíbe a venda de álcool a menores de 18 anos, existe também legislação que fomenta a proibição da venda de cigarros a esses menores também, a saber, a Lei nº 10.702/2003. Assim como em relação ao álcool, a existência de uma legislação que proíba a comercialização de cigarros aos adolescentes não é um entrave que impeça o acesso dos mesmos a esse tipo de produto, isso porque o III LNUD também levantou que cerca de 1,3 milhões de adolescentes de 12 a 17 anos já consumiram cigarros industrializados na vida. O consumo nos últimos 30 dias antes da pesquisa foi reportado por cerca de 2,4% dos adolescentes, o que corresponde a quase meio milhão de adolescentes.

No que diz respeito aos dados relacionados ao primeiro consumo de cigarros, dentre 51 milhões de pessoas que utilizaram cigarros industrializados alguma vez na vida, a mediana de idade no início do consumo foi aproximadamente semelhante quando comparados homens e mulheres, tendo como mediana 15,1 anos e 14,9 anos, respectivamente. Entretanto, essas estimativas precisam ser vistas com cautela, de forma semelhante ao álcool, a mediana de idade de primeiro consumo quando levada em consideração a faixa etária é menor entre adolescentes de 12 a 17 anos, nesse caso a mediana encontrada foi de 12,6 anos, não havendo diferença estaticamente significativa entre homens e mulheres.

Outro ponto que pode se apresentar como um problema na juventude é a automedicação, ou seja o consumo indiscriminado de medicamentos sem prescrição médica, vale enfatizar que o uso abusivo desses medicamentos podem desenvolver uma dependência química, uma vez que um dos principais problemas de combate ao uso de drogas é o fato de a sociedade sempre ter sido ambígua e incoerente frente ao seu consumo. O III LNUD, destacou que, apesar de o consumo de medicamentos não prescritos entre os adolescentes ser menor comparado a faixas etárias mais elevadas, aproximadamente 6,2% dos indivíduos entre 12 e 17 anos já fizeram uso dos mesmos. Em relação aos dados relacionados ao primeiro consumo, entre os quase 13 milhões de indivíduos que informaram ter utilizado medicamentos não prescritos ao menos uma vez na vida, a idade mediana do primeiro consumo foi menor entre os homens do que entre as mulheres (19,8 anos e 24,2 anos respectivamente), sendo esta diferença estatisticamente significativa. Em recorte etário, a mediana de idade do primeiro consumo entre os adolescentes de 12 a 17 anos foi de 12,9 anos, não sendo observada diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres.

É necessário abordar também sobre o consumo de substâncias ilícitas por crianças, adolescentes e jovens que vivem no Brasil, O III LNDU considerou substâncias como: maconha, haxixe ou skunk, cocaína em pó (excluídas as formas fumada e injetável), crack e similares (cocaínas fumáveis), solventes, ecstasy/MDMA, ayahuasca, LSD, quetamina e heroína. O período de tempo adotados na pesquisa foram os últimos 12 meses e 30 dias anteriores à data da entrevista, o padrão de consumo entre os muitos jovens (12-17 anos) são as mais baixas apresentadas no estudo, onde apresentou a maior concentração do consumo de substâncias ilícitas foi entre 25 e 34 anos entre os adultos mais jovens.

Ademais, levou-se em consideração no estudo se os indivíduos entrevistados consideravam muito fácil obter as drogas ilícitas diferenciando por faixa etária. Foi percebido que é mais acessível a adultos jovens (18 a 24 anos e 25 a 34 anos), jovens menores de 18 anos em relação aos com mais de 18 anos, consideram muito fácil adquirir cocaína, crack, anabolizantes, estimulantes anfetaminas, medicamentos tarja preta e solventes.

## **ASPECTOS ENVOLVIDOS NA TEMÁTICA**

O período da adolescência é momento de desenvolvimento fundamental para cada indivíduo, nessa etapa da vida o jovem está realizando novas descobertas e afirmando sua individualidade e personalidade. Nessa fase, é mais visível a necessidade para o jovem de realizar interações grupais, onde a busca pelo sentimento de pertencimento a um grupo com o qual ele se identifica será capaz de influenciar suas ações e comportamentos, de modo a provar para aquele grupo ao qual ele deseja pertencer que está apto para tal. Marcada também pelas transformações físicas, psíquicas e sociais, a adolescência desafia muito o jovem que nesse período está marcado por testar as possibilidades e desafios da vida. Todavia, é possível notar a frequência em que os jovens se afastam da família a fim de se achegar ao grupo de amigos que imprimem um sentimento de pertencimento.

No Brasil, o aumento no consumo de drogas ilícitas e álcool por parte dos jovens é cada vez mais evidente. Fatores como o uso de álcool e drogas por parte dos pais, criação por apenas um dos pais, a ausência de apoio dos pais, amigos que utilizam drogas, fatores sociodemográficos, a baixa prática de esportes, o estímulo constante dos meios de comunicação através de propagandas que glamourizam o consumo de álcool, o baixo preço de algumas dessas drogas, a falta de fiscalização e os conflitos familiares graves, em que o adolescente se utiliza dessas substâncias como uma forma de fuga à situação, contribuem para esse aumento.

O álcool em excesso traz muito prejuízos a saúde do adolescente, pois é nessa faixa etária que vários processos neuroquímicos estão acontecendo para que se ocorra o amadurecimento cerebral, sendo assim problemas referentes a um retardo do desenvolvimento de suas habilidades, e comprometimento do processo de ajustamento social podem ser observados, pois é na adolescência que os jovens estão se estruturando socialmente, emocionalmente e biologicamente, sendo assim, esses prejuízos poderão se estender ao longo da vida, como exemplo pode-se citar: o risco de maior dependência química na idade adulta, sendo um dos principais fatores de uso de álcool nesta etapa da vida, prejuízos neuropsicológicos, como perda de memória, modificações no sistema dopaminérgico e no sistema límbico acarretando em problemas comportamentais e emocionais. Além disso, é na adolescência que o jovem está construindo a sua identidade, sendo assim, se ele se habituar a passar por situações apenas sob efeito de álcool e outras drogas, como associar o lazer ao consumo de substâncias ilícitas, ou só conseguirem tomar a iniciativa em experiências afetivas e sexuais se ingerirem álcool ou estarem sob efeito de alguma droga, aprenderão a desenvolver essas habilidades apenas com o consumo delas, e quando essas substâncias não estiverem disponíveis, se sentirão incapazes de desempenhar estas atividades, surgindo assim a dependência.

## **LEGISLAÇÃO**

No Brasil, de acordo com a lei 13.106/2015, é proibido a venda ou o fornecimento, por qualquer meio, ainda que gratuitamente, a menores de dezoito anos, de bebida alcoólica ou outros produtos que possam causar dependência física ou psíquica. Seu descumprimento tem como pena detenção, de dois a quatro anos, e multa de três mil a dez mil reais, se o fato não constitui crime mais grave, podendo gerar a interdição do estabelecimento comercial até o recolhimento da multa aplicada. Entretanto, segundo pesquisa realizada em 2019 pelo Centro de Informações sobre Álcool e Saúde (CISA), cerca de 43% dos adolescentes já consumiram bebidas alcoólicas em festas.

Através do decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019, a Política Nacional sobre Drogas passa a assegurar que o tabagismo, o uso de álcool e de outras drogas devem ser tratados como um problema que concerne à infância, à adolescência e à juventude, buscando evitar a introdução ao uso. Além disso, garante o tratamento, a assistência e o cuidado àqueles já em contato com essas substâncias.

Ademais, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura o direito à proteção desse grupo contra informações e materiais prejudiciais a seu bem-estar, com ênfase na abordagem sobre drogas lícitas e ilícitas.

De acordo com o artigo 196 da Constituição Federal, “A Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e outros agravos e ao acesso universal e igualitário a ações e serviços para promoção, proteção e recuperação.” (BRASIL). Sendo amparada por este artigo, a estratégia de redução de danos toma medidas de intervenção para prevenção, assistência e promoção da Saúde e dos Direitos Humanos. Busca-se fornecer dicas de autocuidado, com enfoque na prevenção de doenças, para todos usuários de drogas lícitas ou ilícitas, visando a não-exclusão de nenhum indivíduo.

A abordagem tomada por essa estratégia de redução de danos, desestimula preconceito e segregação e não estimula o uso de substâncias psicotrópicas. O enfoque é dado nas vantagens de uma vida livre de drogas, enfatizando a qualidade de vida.

## **COMO O ENFERMEIRO PODERÁ LIDAR COM ISSO?**

O papel do profissional de enfermagem frente a esse impasse, consiste na construção e desenvolvimentos de ações em conjunto com uma equipe multidisciplinar, que assegure a esses menores o acolhimento, para que isso favoreça a formação de vínculos e o facilite o exercício do cuidado, proporcionando segurança e tranquilidade para que adolescentes e suas famílias possam falar de angústias, dúvidas e aflições e sentirem-se acolhidos pela unidade de saúde. Além disso, é de extrema importância também que o profissional tenha aptidão necessária para reconhecer os adolescentes com problemas relacionados com o uso de álcool e drogas, bem como identificar seus limites e possibilidades no manejo e encaminhar adequadamente aos serviços de referência.

Fora da unidade de saúde, o profissional deve atuar na promoção de ações de educação em saúde nas escolas do bairro, organizações juvenis e junto às famílias, indo em busca da compreensão dos motivos que os levam ao uso, as regras sociais e de convivência, as possibilidades de autocuidado e promoção sistemática de atividades e medidas preventivas. Cabe ressaltar que tais atividades devem explorar a criatividade, serem divertidas e de fácil assimilação, para que estes adolescentes se sintam envolvidos.

O enfermeiro deve, ainda, demonstrar conhecimento quanto à farmacologia, efeitos e consequências fisiológicas das principais drogas usadas, entre os jovens, na região em que

atua. No âmbito jurídico deve ter ciência das leis municipais, serviços judiciários e os conselhos tutelares para o suporte sempre que necessário.

## **CONCLUSÃO**

Em suma, pode-se concluir que, o consumo de álcool e drogas acomete os jovens em âmbito mundial, se tornando assim um o problema epidemiológico. Uma vez que a adolescência é uma fase de modificações físicas, sociais, morais e amadurecimento de personalidade transcorre que essas transição acometem os jovens a unir-se a amizades que circulam pelos mesmo pensamentos, gostos e afinidades. E essas transformações podem servir de incentivo para o distanciamento de seus responsáveis e culminam também para a ausência de diálogos sadios com os mesmos. Quando isso ocorre a busca pelo auxílio psicológico e a manutenção da saúde mental, para o jovem que é inconstante, acaba sendo o álcool e as drogas e como os adolescente não solidificam as desvantagens do consumo, que por muita das vezes usam de forma recreativa ou por diversão, acabando por rapidamente serem acometidos à dependência, tornando-os submissos às substâncias.

É necessário ponderar também, que a maior parte da população jovem usuária de substâncias ilícitas estão incluídos no limbo da falta de informação e vulnerabilidade social e econômica visto que a configuração social do país permeia inúmeras crianças que vivem em periferias ou em situação de rua. Por esses e outros motivos, torna evidente que o profissional enfermeiro é estritamente necessário na dinâmica de admissão em uma construção do desenvolvimento de ações multidisciplinares que direcionam os adolescentes a uma resposta acolhedora e que favoreçam o cuidado mediante intervenções que não desafiem a escuta e o afeto, uma vez que a funcionalidade do cumprimento de ações de regeneração deve ser guiada pela recuperação do paciente em um todo, sendo ela biopsicossocial.

## **REFERÊNCIAS**

Álcool e drogas na adolescência: quais são suas consequências? - Portal da Urologia - Público Geral. Portal da Urologia - Público Geral. Disponível em: <<https://portaldaurologia.org.br/publico/sbu-jovem/sbu-jovem-artigos/alcool-e-drogas-na-adolescencia-quais-sao-suas-consequencias/>>. Acesso em: 21 Aug. 2021.

BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro et al. (Org.). III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2017. 528 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>

BRASIL. Lei nº 13.106, de 17 de março de 2015. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 127, p. 1, 18 mar. 2015.

BRASIL. Lei nº 9.761, de 11 de abril de 2019. Aprova a Política Nacional sobre Drogas. Diário Oficial da União: seção 1 - Extra, Brasília, DF, ano 131, edição 70-A, p. 7, 11 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. Secretaria de Vigilância em Saúde; Secretaria de Educação Básica. Saúde e Prevenção nas Escolas: Álcool e outras drogas. Brasília, DF, 2010.

CAVALCANTE, Maria et al. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, 26, nov. de 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/684WddNnqPdWkNS6SgGhXLK/?lang=pt>. Acesso em: 21, ago. 2021.

DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato ; FREITAS, Lia Beatriz De Lucca. Uma Revisão de Literatura sobre a Definição de Projeto de Vida na Adolescência. Interação em Psicologia, v. 19, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/35218>. Acesso em: 21 Aug. 2021.

PETCHANSKY, F.; SZOBOT, C. M.; SCICOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. Brazilian Journal of Psychiatry, maio de 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462004000500005>